

STEVEN HOLL: DIÁLOGOS ENTRE FENOMENOLOGIA E ARQUITETURA

STEVEN HOLL: DIÁLOGOS ENTRE FENOMENOLOGÍA Y ARQUITECTURA

STEVEN HOLL: DIALOGUES BETWEEN PHENOMENOLOGY AND ARCHITECTURE

BRITO, LEONARDO DE OLIVEIRA

Professor, Arquitetura e Urbanismo/ Instituto Federal do Paraná (AU/IFPR); Mestre, Arquitetura e Urbanismo/ Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC); Doutorando, Arquitetura e Urbanismo/Universidade de São Paulo (FAU/USP), E-mail: leonardodeoliveirabrito@gmail.com

RESUMO

Ao partir de correntes filosóficas da fenomenologia, observam-se apropriações em que o arquiteto pode aproximar-se desse conhecimento relacionando aspectos da experiência humana na definição do projeto arquitetônico. Nesse cenário, destaca-se o objetivo de interpretar o trabalho de Steven Holl, considerando relações entre fenomenologia e arquitetura. O estudo parte da fundamentação teórica, ao apresentar uma contextualização sobre princípios que conduzem a abordagem fenomenológica e arquitetônica. Trata-se de uma pesquisa que envolve o suporte de registro bibliográfico, com abrangência exploratória caracterizada por uma aproximação qualitativa presente em publicações sobre o tema. Isso permitiu observar a estruturação de uma estratégia de projeto desdobrada em três eixos interpretativos: identificação do lugar, conceito e forma, e espaço arquitetônico. Para representar, descreveu-se obras de arquitetura, visando demonstrar como essas relações são apropriadas arquitetonicamente. Nesse âmbito, entende-se uma apropriação que acontece em escalas, em que existe uma interpretação de fatores da atmosfera que identifica a arquitetura a partir do lugar, articulando o conceito que define o emprego da forma em uma disposição ordenada entre partes e o todo arquitetônico, bem como relações humanas no espaço arquitetônico, configurando atributos que envolvem a experiência em determinado ambiente. Assim, encontra-se uma referência para pesquisadores, profissionais e estudantes na elaboração de propostas de projeto em arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: abordagem fenomenológica; intenções em arquitetura; processo de projeto; projeto de arquitetura; Steven Holl.

RESUMEN

A partir de corrientes filosóficas de la fenomenología, se observan apropiaciones en que el arquitecto puede acercarse a ese conocimiento, relacionando aspectos de la experiencia humana en la definición del proyecto arquitectónico. En ese escenario, se destaca el objetivo de interpretar el trabajo de Steven Holl, considerando relaciones entre fenomenología y arquitectura. El estudio parte de la fundamentación teórica, al presentar una contextualización sobre principios que conducen al abordaje fenomenológico y arquitectónico. Se trata de una investigación que involucra el soporte de registro bibliográfico, con alcance exploratorio, caracterizado por una aproximación cualitativa presente en publicaciones sobre el tema. Esto permitió observar la estructuración de una estrategia de proyecto desplegado en tres ejes interpretativos: identificación del lugar, concepto y forma, y espacio arquitectónico. Para representar, se describió obras de arquitectura, buscando demostrar cómo esas relaciones son apropiadas arquitectónicamente. En ese ámbito, se entiende una apropiación que ocurre en escalas, en que existe una interpretación de factores de la atmósfera que identifica la arquitectura a partir del lugar, articulando el concepto que define el empleo de la forma en una disposición ordenada entre partes y el todo arquitectónico, así como relaciones humanas en el espacio arquitectónico, configurando atributos que involucran la experiencia en determinado ambiente. Así, se encuentra una referencia para investigadores, profesionales y estudiantes en la elaboración de propuestas de proyecto en arquitectura.

PALABRAS CLAVES: enfoque fenomenológico; intenciones en arquitectura; proceso de proyecto; proyecto de arquitectura; Steven Holl.

ABSTRACT

Starting from philosophical currents of phenomenology, there are appropriations in which the architect can approach this knowledge relating aspects of human experience in the definition of architectural design. In this scenario, we highlight the objective of interpreting the work of Steven Holl, considering relationships between phenomenology and architecture. The study starts from the theoretical foundation, by presenting a contextualization about principles that lead to the phenomenological and architectural approach. This is research that involves the support of bibliographic record, with exploratory scope characterized by a qualitative approach present in publications on the subject. This allowed to observe the structuring of a project strategy unfolded in three interpretative axes: identification of the place, concept and form, and architectural space. To represent, architectural works were described, aiming to demonstrate how these relations are architecturally appropriate. In this context, it is understood an appropriation that happens in scales, in which there is an interpretation of factors of the atmosphere that identifies architecture from the place, articulating the concept that defines the use of form in an orderly arrangement between parts and the whole architectural, as well as human relations in the architectural space, configuring attributes that involve the experience in a certain environment. Thus, there is a reference for researchers, professionals and students in the preparation of project proposals in architecture.

KEYWORDS: phenomenological approach; intentions in architecture; design process; architecture design; Steven Holl.

Recebido em: 05/03/2023
Aceito em: 31/08/2023



REVISTA
PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.8, n.3, setembro de 2023

1 INTRODUÇÃO

O embasamento da pesquisa parte da necessidade de compreender a fenomenologia que, enquanto corrente filosófica, evidencia reflexões sobre a relação humana com o mundo. Por isso, a construção desta escrita considera estudos de filósofos como Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), detectando-se uma perspectiva de investigação que se inspira na fenomenologia como uma apropriação reflexiva que posteriormente traduz-se sobre a prática projetual arquitetônica.

A fenomenologia surge como uma corrente filosófica e se ramifica em diferentes áreas do conhecimento, dentre elas a arquitetura, que também apresenta subdivisões. Diante disso, a fenomenologia pode ser apresentada como uma corrente filosófica e/ou uma abordagem metodológica de pesquisa. Neste trabalho, a fenomenologia é discutida como uma corrente filosófica apropriada pela arquitetura, interferindo em intenções projetuais de arquitetos, ao propor mediar determinadas experiências no espaço arquitetônico.

O filósofo Otto Friedrich Bollnow (1903-1991) favorece o reconhecimento de fundamentos da fenomenologia que podem ser incorporados na arquitetura, compreendendo duas esferas em ciclo: uma em prol do aspecto físico e outra utilizando-o a serviço da experiência vivenciada (BOLLNOW, 2008 [1951]). Trata-se de uma abordagem que evidencia o projeto de arquitetura como uma contribuição na mediação de experiências humanas nos ambientes, a partir da configuração de elementos arquitetônicos que posteriormente podem estar presentes nas relações com a pessoa.

Essa perspectiva envolve o reconhecimento da experiência na arquitetura, representando um pensamento pós-moderno que se destaca pela determinação de posições no ponto de vista do arquiteto. Norberg-Schulz (1926-2000) também passa a converter a fenomenologia para uma visão cíclica, em que a arquitetura é uma atividade exercida por uma ordem envolvida por intenções projetuais (NORBERG-SCHULZ, 1963), de modo que se compreendem princípios que recorrem ao propósito do arquiteto na fase de projeto.

Nesse sentido, uma questão que interessa particularmente para esta pesquisa tem relação com a intencionalidade arquitetônica presente no trabalho de Steven Holl [1947], que se apropria de estudos em relação à fenomenologia da arquitetura. O arquiteto parte de uma corrente filosófica da fenomenologia que destaca a relação humana com o mundo e transfere em abordagens sobre a necessidade de propor determinada arquitetura, defendendo a configuração de elementos do espaço arquitetônico em função de intenções projetuais sobre a experiência de quem o habita.

Por meio do estudo de Steven Holl, notam-se interfaces no histórico do arquiteto, que se dedicou às especializações, na formação de uma identidade arquitetônica, ao ensino de arquitetura, bem como na fundação do seu ateliê Steven Holl Architects [1976]. Também correspondeu como autor, em que características do seu trabalho são descritas ao assentar sobre princípios teóricos aplicados em projetos de diferentes demandas e localidades do mundo, constituindo um suporte de registro adotado nesta pesquisa.

Diante disso, a formatação do objetivo da pesquisa baseia-se na interpretação de relações entre fenomenologia e arquitetura ao interpretar o trabalho de Steven Holl, que se apropria na prática arquitetônica. As discussões fundamentadas podem ser entendidas como aspectos que exploram uma possível extensão de possibilidades, delineando características que podem ser traduzidas no processo de projeto, ao estabelecer a composição do espaço arquitetônico.

O trabalho encontra-se realizado com base na ciência, epistemologia e conhecimento científico, acontecendo num processo que envolve estágios evolutivos, desde a formulação do problema de pesquisa até a apresentação das considerações finais. Essas etapas baseiam-se no levantamento de publicações selecionadas para auxiliar na interpretação da intencionalidade arquitetônica no trabalho de Steven Holl (sobretudo por escritos do próprio arquiteto), no embasamento de autores que articulam precedentes do tema, bem como na exposição de exemplares da obra projetual construída do arquiteto.

Assim, a perspectiva do estudo guiou-se pelo suporte de registro bibliográfico de maneira exploratória, abrangendo a produção escrita disponível em publicações sobre o tema, tais como livros, revistas e pesquisas científicas. O seu desenvolvimento caracterizou-se pelo tratamento de cunho exploratório e qualitativo, levando-se em consideração assuntos vinculados às abordagens presentes no trabalho de Steven Holl, bem como por publicações complementares (MARCONI, LAKATOS, 2011; GIL, 2019).

Buscam-se referências a partir de trabalhos disponíveis em bases de dados: Catálogo de Teses e Dissertações Capes, Portal de Periódico Capes, *Scopus*, *Web of Science*, e Google Acadêmico. Por conseguinte, se revisam estratégias que situam relações entre fenomenologia e arquitetura, caracterizando incorporação dos seguintes livros publicados: “Anchoring” (HOLL, 1989); “Entrelazamientos” (HOLL, 1997); “Parallax” (HOLL, 2000); “Cuestiones de percepción: fenomenología de la arquitectura” (HOLL, 2011).

Esse desencadeamento compôs o registro de recursos para a interpretação de intenções projetuais do arquiteto, considerando escalas abrangentes do processo de projeto: identificação do lugar, conceito e forma, e espaço arquitetônico. Sendo assim, o trabalho encontra-se estruturado em etapas caracterizadas pelo estudo, registro, análise e interpretação da pesquisa. O primeiro item, este apresentado, é introdutório. Em seguida, encontra-se o desenvolvimento. Por fim, as considerações finais.

2 FENOMENOLOGIA E ARQUITETURA

Para propor o embasamento do trabalho, parte-se da necessidade de compreender a fenomenologia que, enquanto corrente filosófica, no início do século XX evidenciou reflexões sobre a relação humana com o mundo. Nesse sentido, destaca-se a discussão que parte de filósofos, como na literatura formalmente concebida por Edmund Husserl (1859-1938), discípulo de Franz Brentano (1838-1917), desdobrando-se pelas contribuições de Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), ao entenderem a fenomenologia como um estudo dos fenômenos.

Observa-se que a fenomenologia, enquanto corrente filosófica, orienta reflexões sobre a relação entre o ser humano e o mundo, possibilitando uma inspiração em princípios para concepção da arquitetura. Trata-se de uma dimensão que direciona para um diálogo com a experiência da pessoa em determinado ambiente. Isso torna-se um meio de repensar a arquitetura, possibilitando que teóricos arquitetos interpretem textos de filósofos, ao trazer aspectos pertinentes para o desenvolvimento da prática arquitetônica.

Em sua teoria, Otto Friedrich Bollnow (1903-1991) aproxima-se da perspectiva fenomenológica da arquitetura, ao relacioná-la como a constituição de um referencial no mundo, sendo que “a espacialidade da vida humana corresponde ao espaço vivenciado [...] e vice-versa [...]” (BOLLNOW, 2008 [1951], p. 22). O autor afirma que a relação humana com o mundo se faz no ato de habitar e complementa ao relacionar a arquitetura com a construção de uma referência, permitindo a apropriação de ambientes a serem explorados pelo indivíduo.

Nota-se que, além da arquitetura, construir envolve o contato com a própria experiência, tecida por relações de familiaridade com o mundo, no modo próprio de compreensão do ser humano. Trata-se uma estrutura formada por elementos compostos pela terra, céu, os seres mortais e os seres divinos (HEIDEGGER, 2012 [1951]), de modo que o próprio ato de construir trata da transformação do espaço no mundo habitado, pois “oferecem ao homem um abrigo” (p. 125), estabelecendo relações de sentido: antes, durante e depois.

Nessa mesma perspectiva, nota-se que o espaço arquitetônico se encontra na própria condição do ser humano, visto da semelhança daquilo que pode ser considerado “como um pequeno mundo que se abre no outro” (MERLEAU-PONTY, 2011 [1945], p. 433). Com esse “pequeno mundo que se abre”, entende-se a obra arquitetônica como parte do mundo, por constituir um fator de referência para a vida humana, enquanto um elemento que pode mediar a experiência na relação entre a pessoa e o ambiente.

Correlacionando com o viés fenomenológico, isso favorece o reconhecimento de mecanismos que podem ser incorporados na arquitetura, destacando-se a transição entre o aspecto “matemático-físico” e o “espaço vivenciado” (BOLLNOW, 2008 [1951], p. 16-20). Essa interpretação relaciona características convergentes, compreendendo duas esferas em ciclo: uma em prol do espaço físico, e outra referente ao vivenciado, trazendo um exemplo:

[...] quão grande é a distância (vivenciada) concreta entre um local numa parede de meu domicílio, a qual encosta na casa vizinha, e o local correspondente para além da parede, no domicílio estranho? Num sentido abstrato e matemático, a depender da espessura da parede, seriam poucos centímetros; se tomada concretamente, porém, é uma distância muito maior. Pois, para chegar a tal ponto, para observar essa parede do “outro lado”, eu deveria deixar meu aposento e minha habitação, sair pela porta para a rua e por ela chegar à casa do vizinho, e lá novamente me dirigir até o “outro lado” de minha parede (Ibidem, p. 206).

O autor relaciona particularidades que se articulam em um ciclo entre o espaço geométrico produzido, ao caracterizá-lo pelo aspecto matemático dimensionável, bem como o vivenciado, vinculado às experiências que o sujeito vivencia em determinado ambiente percorrido por ele. Com isso, entende-se que para corresponder uma proximidade com esse ciclo, a projeção da arquitetura abrange um exercício propositivo, que materializa uma mediação do espaço a ser vivenciado, correlacionando ao citado vínculo entre sujeito (ser humano) e objeto (arquitetura).

Essa relação entre o sujeito e o objeto envolve a experiência do ser humano no mundo a partir da obra de arquitetura, exigindo, por parte do arquiteto, a investigação sobre a experiência integrada por um propósito ao definir o desenho do projeto arquitetônico. Por meio dessa premissa, Christian Norberg-Schulz (1926-

2000) expõe a possibilidade de a fenomenologia passar a ser um recurso, no sentido de desenvolver o espaço arquitetônico resultante em função da vivência, ao relacioná-lo com condicionantes do habitar humano.

Assim como Bollnow (2008 [1951]), a fenomenologia passa a ser convertida para uma visão cíclica entre o espaço geométrico e o vivenciado, sendo que a arquitetura pode ser uma atividade representada por intenções projetuais. Nesse ponto, Norberg-Schulz (1963) trata o espaço arquitetônico como fruto da intencionalidade, defendendo a ideia de que "o propósito da arquitetura é dar ordem a certos aspectos do ambiente. [...], isso implica que a arquitetura controla ou regula as relações entre o humano e o ambiente" (p. 109, tradução nossa).

Os elementos da quadratura formada pela terra, céu, os seres mortais e os seres divinos, apresentados por Heidegger (2012 [1951]), fala da permanência humana entre esses elementos, sendo que "o espaço arquitetônico [...] pode ser definido como uma 'concretização' do espaço existencial humano" (NORBERG-SCHULZ, 1975, p. 12, tradução nossa). Trata-se da relação entre a existência humana e a arquitetura, tratando de princípios que permitem uma reflexão sobre a experiência, ao transitar nas intenções projetuais do arquiteto.

A noção apresentada por Heidegger (2005 [1927]; 2012 [1951]), Merleau-Ponty (2011 [1945]) e Bollnow (2008 [1951]) sobre a presença do ser humano no mundo supõe que a ação da arquitetura pode articular referências apreendidas a partir do desencadeamento de maneiras como o indivíduo pode relacionar-se com o espaço arquitetônico. Por consequência, isso envolve a construção de vínculos, pois a "[...] tarefa do arquiteto é criar lugares significativos, por meio dos quais ele ajude o ser humano a habitar" (NORBERG-SCHULZ, 1979, p. 01, tradução nossa).

Dessa maneira, observa-se uma questão que interessa particularmente para esta pesquisa, que tem relação com a perspectiva tratada no trabalho de Steven Holl, enquanto profissional que se apropria de estudos sobre a fenomenologia para aplicação no projeto arquitetônico. O arquiteto apresenta acreditar num resultado que parte da temática, correspondida pela relação da arquitetura com o ser humano, enquanto questão de mediação desse vínculo, como exposto no próximo tópico.

3 STEVEN HOLL

Discussões do arquiteto

A fenomenologia situa-se em uma discussão que parte do conhecimento de filósofos, bem como de arquitetos, de modo que ocorre uma projeção na construção de bases teóricas de autores que buscaram respostas nessa corrente filosófica para a prática da arquitetura. Detecta-se que essa perspectiva envolve pesquisas que corroboram para investigar possibilidades de experiência do ser humano em um ambiente, especialmente pelas intenções projetuais do arquiteto, representadas neste trabalho pela figura de Steven Holl.

Nesse cenário, o autor nasceu em Bremerton, Washington, nos Estados Unidos da América [1947]. Formou-se em Arquitetura na Universidade de Washington [1970], dedicou-se às especializações e abriu seu escritório em Nova Iorque, chamado Steven Holl Architects [1976]. Em meio às discussões entre o movimento da arquitetura moderna e pós-moderna no século XX, estabeleceu-se como teórico, professor e arquiteto, sendo que se assumiu perante a inspiração na fenomenologia, enquanto corrente filosófica, para a arquitetura.

Ao longo de sua trajetória, ao desenvolver-se como arquiteto e professor universitário, Steven Holl também tem se destacado como teórico na publicação de trabalhos escritos, investigando abordagens adquiridas durante a sua formação [1976-2019]. Com isso, o que o arquiteto mostra em seu repertório reflete sobre a sua abordagem, representada a partir de intenções projetuais em arquitetura, como verificado na lista de publicações realizadas com participação do seu ateliê até 2019, ano de desenvolvimento desta pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 - Síntese de publicações sobre Steven Holl.

Obra	Ano
Pamphlet Architecture 7: bridge of houses	1981
Pamphlet Architecture 9: rural and urban house types	1982
Anchoring	1989
Pamphlet Architecture 13: edge of a city	1991
Intertwining	1996

The Chapel of St. Ignatius	1997
Kiasma	1998
Parallax	2000
Written in Water	2002
Idea and Phenomena	2002
Steven Holl Architetto	2002
Steven Holl: 1998-2002	2002
Steven Holl	2003
Steven Holl 1986-2003	2003
Experiments in Porosity	2005
Steven Holl	2005
Hybrid Instrument	2006
Stone and Feather	2007
Questions of Perception: phenomenology of architecture	2007
Loisium: World of Wine	2007
Imagining MIT: designing a campus for the twenty-first century	2007
House: black swan theory	2007
Architecture Spoken	2007
Steven Holl Architects 2004-2008	2008
Urbanisms: working with doubt	2009
Pamphlet Architecture 31: new Haiti villages	2010
GA Document 110: Special issue Steven Holl	2010
This is Hybrid	2011
Three Days in Biarritz	2011
Horizontal Skyscraper	2011
The Light Pavilion	2012
Scale	2012
Color, Light, Time	2012
Steven Holl: 1975-1998 Volume 1	2012
Steven Holl: 1999-2012 Volume 2	2012
Understanding Architecture	2012
GA Steven Holl: 1975-2012	2012
Uneasy Balance	2013
New Museums in China	2013
Urban Hopes	2013
Steven Holl Architects 2008-2014	2014
Steven Holl	2015
Lake of the Mind: a conversation with Steven Holl	2018
Steven Holl: seven houses	2018
Compression	2019

Fonte: Disponível em: <www.stevenholl.com>. Acesso em: 02/janeiro/2020. Edição nossa.

No quadro exposto constam trabalhos de diferentes origens, desde publicações de autoria do próprio Steven Holl, inserções compartilhadas com outros arquitetos e dossiês divulgados por periódicos especializados, reforçando o conteúdo referente aos seus conceitos teóricos e práticos. Com isso, esse repertório envolve tanto reflexões conceituais, como exposição de projetos arquitetônicos realizados pelo seu respectivo ateliê, constituindo um suporte de registro bibliográfico.

Ao longo dos seus textos, a fenomenologia da arquitetura encontra-se evidenciada na construção de um pensamento, tratando de aspectos do contato do sujeito com o mundo, relacionado com a ideia do corpo humano ligado à experiência na arquitetura. O autor apresenta a dualidade de “um entrelaçamento do subjetivo e do objetivo” (HOLL, 1997, p. 16, tradução nossa), em que a experiência do indivíduo envolve uma mediação de aspectos materiais (objetivos) e imateriais (subjetivos) que envolvem o espaço arquitetônico.

Nesse âmbito, é possível relacionar o seu trabalho ao de Heidegger (2005 [1927]; 2012 [1951]), partindo do princípio da existência humana, que se relaciona com o mundo e o meio que o cerca, estando a arquitetura dentro dessa relação. Parte-se do pressuposto de que existe uma interação do indivíduo com o espaço arquitetônico, em que “o desafio da arquitetura consiste em [...] realçar a experiência [...] em resposta às particularidades do lugar e da circunstância” (HOLL, 2011, p. 12, tradução nossa).

Essa questão também remete ao Merleau-Ponty (2011[1945]), quando confere a unidade que pressupõe uma dependência entre a pessoa e o ambiente, ao reconhecer a presença da experimentação do corpo humano. Conforme Holl (2000), o indivíduo se movimenta desde “[...] tocar o pequeno detalhe até o sentir do movimento de um corpo e sua aceleração no espaço [...]”. Um enredo fenomenológico do objeto e sujeito “[...]” (p. 58, tradução nossa), mediado pelo arquiteto.

A partir dessa premissa, a perspectiva teórica de Steven Holl entende que a arquitetura pode despertar uma experiência em quem percorre o espaço arquitetônico, sendo que o arquiteto está, de maneira simultânea, envolvido em uma perspectiva inversa ou, precisamente, em função de um propósito. O arquiteto explora a fenomenologia, de maneira que se encontra apresentada como uma inspiração no seu trabalho, ao influenciar modos de entender o desenvolvimento da prática arquitetônica.

Aplicações do arquiteto

Com base na discussão teórica apresentada, apesar de sua densidade filosófica, evidencia-se a possibilidade de entrelaçar intenções projetuais do arquiteto com fenômenos presentes na arquitetura, momento no qual Steven Holl caracteriza a sua abordagem, especialmente quando confere o surgimento de uma ideia em consonância com as características que envolvem o espaço arquitetônico. Dessa maneira, a experiência em determinado ambiente pode ser interpretada como uma característica presente no propósito do arquiteto sobre a obra de arquitetura.

Esse pensamento concilia com parte do que esclarece a fenomenologia, surgindo como influência para o arquiteto nos seus textos, ao realizar referências diretas a essa corrente filosófica na arquitetura, como inspiração. Conforme exposto por Holl (2011), “embora as sensações e impressões nos envolvam silenciosamente nos fenômenos físicos da arquitetura, a força geradora encontra-se nas intenções que residem por trás dela” (p. 10, tradução nossa). O autor complementa que:

As questões da percepção arquitetônica subjazem nas questões de intenção. Esta “intencionalidade” afasta a arquitetura da pura fenomenologia associada às ciências naturais. Seja qual for a percepção de uma obra construída [...], a energia mental que a gerou resulta a final de contas deficiente, a menos que não se haja articulado o propósito (Ibidem, p. 11, tradução nossa).

Nota-se que o arquiteto expõe uma intencionalidade arquitetônica, propondo abordagens que são detalhadas nas suas práticas, ao funcionar como uma base teórica de conexão entre fenomenologia e arquitetura. São elementos guiados por atributos refletidos em determinado ambiente, espelhando aspectos que possibilitam transcender a sua existência física através de experiências, tal como apresenta Bollnow (2008 [1951]), ao revelar indagações entre o espaço geométrico e o vivenciado.

Assim, Holl (1997, 2000, 2011) identifica a capacidade de promover uma mediação, considerando o efeito propositivo sobre o projeto de arquitetura. O mesmo concilia-se com Norberg-Schulz (1963, 1975, 1979), quando trata de princípios que recorrem à espaços perpassados por uma intencionalidade arquitetônica, reconhecendo recursos do arquiteto para aproveitar condicionantes que possibilitam desenvolver a arquitetura em função da experiência a ser vivida pelo indivíduo.

Simultaneamente, o escritório realizou trabalhos de diferentes usos, localizados principalmente nos E.U.A., e também internacionalmente (Japão, Alemanha, Finlândia, Holanda, Áustria, República Tcheca, China, Noruega, Dinamarca, França, Coreia do Sul, Líbano, Reino Unido e Taiwan), como verificado na lista de obras de autoria do arquiteto no seu ateliê (1976-2019), disponível no Quadro 2.

Quadro 2 - Síntese de obras realizadas por Steven Holl Architects.

Obra	Ano
Manchester House	1976
Sokolov Retreat	1976
Riverfront Flint Fountain	1977
Gymnasium Bridge South Bronx	1978
Casa Telescope	1979
Casa Metz	1980
Pool House and Sculpture Studio Scarsdale	1981
Bridge of Houses	1982
Apartamento Cohen	1983
Autonomous Artisans' Housing	1984
Pace Collection Showroom	1985
Objects, Swid Powell/Carpets	1986
Proposta Urbana Distrito Porta Vittoria	1986
Torre de Apartamentos MoMA	1987
Showroom Giada	1987
Torre de Apartamentos Metropolitan	1988
Biblioteca Berlin AGB	1988

Erie Canal Edge	1988
Edifício Híbrido	1988
Casa Berkowitz-Odgis	1988
Spatial Retaining Bars	1989
Stitch Plan Cleveland	1989
Torres Parallax	1990
Setores Spiroid	1990
Palazzo do Cinema	1991
Complexo Fukuoka	1991
Casa Stretto	1992
Escritórios de Shaw & Co.	1992
Torre do Silêncio	1992
Montra de arte e arquitetura	1993
Escritórios e Art Hall Hypo-Bank	1994
Manifold Hybrid	1994
Complexo Makuhari	1996
Museu da Cidade de Cassino	1996
Capela de Santo Inácio na Universidade de Seattle	1997
Expansão Museu de Arte Moderna	1997
Museu de Arte Contemporânea Kiasma	1998
Casa Y	1999
Instituto de Ciências Cranbrook	1999
Escritórios de Sarphatistraat	2000
Museu de Arte Bellevue	2000
Protótipo de Tesserato	2001
Estúdio de Desenho Aquarela	2001
Dormitório Instituto de Tecnologia Simmons Hall	2002
Faculdade de Arquitetura e Paisagem Minnesota	2002
Centro de Visitantes Loisium	2003
Casa Writing With Light	2004
Casa Nail Collector's	2004
Casa Planar	2005
Casa Turbulence	2005
Hotel Loisium	2005
Estação de Tratamento de Água e Parque Público Whitney	2005
Ampliação Escola de Arquitetura do Instituto Pratt	2005
Edifício Arte Ocidental da Universidade de Iowa	2006
Ampliação Museu de Arte Nelson-Atkins	2007
Departamento de Filosofia da Universidade de Nova York	2007
Centro da Sociedade Franz Kafka	2008
Edifício Horizontal Vanke Center	2008
Complexo Híbrido	2009
Centro Knut Hamsun	2009
Museu de Arte Contemporânea Herning	2009
Galeria Espaço T	2010
Centro do Oceano e do Surf	2011
Galeria e Casa Daeyang	2012
Blocos Raffles City Chengdu	2012
Campbell Sports Center da Universidade de Columbia	2013
Museu de Arte de Nanjing Sifang	2013
Beirute Marina Zaitunay Bay	2014
Edifício Seona Reid de Glasgow	2014
Loja Frédéric Malle	2014
Casa Ex	2016
Galeria Espaço T2	2016
Edifício de Artes Visuais da Universidade de Iowa	2016
Casa Villa Planar	2017
Centro de Artes da Universidade de Princeton	2017
Centro Maggie Barts	2017
Instituto de Arte da Virginia Commonwealth University	2018
Escola de Artes Glassell	2018
Centro Kennedy de Artes Cênicas	2019
Biblioteca Hunters Point	2019

Fonte: Disponível em: <www.stevenholl.com>. Acesso em: 02/janeiro/2020. Edição nossa.

O respectivo quadro apresenta o repertório de trabalhos desenvolvidos pelo ateliê, onde observa-se interfaces no histórico do arquiteto, que se dedicou às especializações, na formação como autor, no ensino de arquitetura, bem como na fundação do seu ateliê e no desenvolvimento de projetos arquitetônicos. Nota-se características do seu trabalho que são definidas e expostas, assentando-se em princípios teóricos aplicados em projetos de diferentes demandas e localidades do mundo.

Diante do cenário apresentado, a denominação da intencionalidade arquitetônica encontra-se ancorada sobre questões envolvidas com o propósito do arquiteto em suas obras de arquitetura. Tais questões reportam ao reflexo da existência humana, bem como na experiência inserida no movimento do indivíduo no espaço arquitetônico. Com esse aparato, observa-se que Steven Holl encontra-se reconhecido por um discurso organizado tanto ao nível teórico, como de desenvolvimento arquitetônico, conforme exposto no próximo item.

4 INTENÇÕES EM ARQUITETURA

Conforme visto na revisão do trabalho de Steven Holl, observam-se influências fenomenológicas como princípio arquitetônico, em que o arquiteto procura entender de que maneira determinado ambiente será habitado pela pessoa, o que possibilitou caracterizar três categorias que envolvem a sua intencionalidade arquitetônica: identificação do lugar, conceito e a forma, e espaço arquitetônico (HOLL, 1989, 1997, 2000, 2011).

Identificação do lugar

Para Steven Holl, seu trabalho envolve adquirir uma base que permita enfatizar a arquitetura como um pensamento, em que o corpo humano pode ter o contato com a experiência, reconhecendo o lugar como fator determinante dos terrenos em que as obras de arquitetura se inserem. Ou seja, o autor considera que a arquitetura se encontra com a articulação de um determinado programa de necessidades, na medida em que visa pensá-la a partir das particularidades do local, de modo a definir uma proposta que surge como um meio para articular a intencionalidade arquitetônica.

Diante disso, Holl (1989) defende uma arquitetura em que a obra exista ancorada ao seu lugar, ao declarar que o sítio que a envolve delimita condicionantes sobre sua concepção, constituindo uma “fundação física e metafísica” (p. 9, tradução nossa). Quando o autor afirma que a arquitetura precisa estar ancorada no local por essa “fundação física e metafísica”, quer então dizer que ela surge de um contexto, que pode advir de uma relação entre mente e matéria em determinado lugar.

Existe uma dimensão multissensorial, enquanto reflexão sobre características de uma localidade, que converge na finalidade de despertar uma experiência corpórea pensada pelo arquiteto, tais como vistas do entorno ou ângulos do sol, por exemplo. Afinal, Holl (2011) afirma que “na arquitetura todo desafio é único, tem um lugar determinado e uma circunstância e a multiplicidade de fenômenos, cada projeto requer uma ideia organizadora, um conceito condutor [...]” (p. 40, tradução nossa), em função de quem percorre um espaço habitado.

A partir dessa característica, nota-se que o espaço externo pode envolver a arquitetura na relação com o interno, sobretudo quando estiver relacionada ao local ao qual se aplica, partindo de uma estratégia para cada situação específica. Para Holl (2000), cada obra de arquitetura, “[...] tem um local particular e circunstância ou programa [...]” (p.119, tradução nossa), de maneira que envolve um contexto diante de uma multiplicidade de fenômenos que, portanto, gera uma ideia organizadora em função do lugar requerido.

Como consequência, compreende-se que o arquiteto reflete sobre soluções que podem corresponder às experiências em determinado lugar. Na perspectiva levantada, Holl (1989) esclarece uma interação, em que se entrelaçam os fenômenos da obra arquitetônica, quando a “[...] arquitetura metafísica do tempo, da luz, do espaço, e matéria permanecem desordenados. Modos de composição estão abertos: linha, plano, volume e proporção esperam por ativação” (p. 10, tradução nossa).

Portanto, em vez de autonomizar-se em relação ao proposto, cada obra pode ser fundamentada no seu lugar, como quando Holl (1989, 1997, 2000, 2011) apresenta essa abordagem enquanto uma costura entre a obra de arquitetura e a localidade onde se encontra. Entende-se que existe uma mediação dessa costura, quando o arquiteto pode buscar compreender o que é marcante no sítio em que vai construir, sobretudo ao que pode ser adequado pontuar para que faça sentido na construção do conceito e da forma adotada.

Conceito e forma

Ao considerar a identificação do lugar, observa-se uma articulação da arquitetura em função das características de uma localidade, sendo que o arquiteto trabalha na sua respectiva composição para corresponder com características do entorno. Com isso, Holl (1989) relaciona a intencionalidade arquitetônica como a presença de uma ligação “entre conceito e forma” (p. 10, tradução nossa), expondo o

trabalho do arquiteto, ao imaginar de que maneira o mesmo quis que o indivíduo sentisse ao estar ali presente.

A representação da intencionalidade surge pelo exercício de interpretação das informações obtidas na etapa de planejamento, acrescidas de decisões da forma adotada no projeto de arquitetura, sendo que a origem do conceito se caracteriza por uma aproximação na qualificação da obra arquitetônica. Tal perspectiva esclarece que, na perspectiva filosófica, o que o arquiteto relaciona é um processo reflexivo para chegar a um conceito que, por sua vez, envolve o caráter fenomenológico presente no seu propósito.

Entende-se que existe um complexo de elementos que interagem para tornar-se um conceito, sendo que para associá-lo, é necessário ligar partes por meio de um mecanismo, “[...] onde a medida final da arquitetura reside em suas essências [...]” (HOLL, 2011, p. 41, tradução nossa). Ou seja, considera-se que a forma é uma resposta ao conceito, sendo um reflexo do que o arquiteto pensou sobre a obra, como meio de mediar a essência final do que foi estabelecido como proposta.

Consequentemente, Holl (2000) expõe uma característica para cada local e circunstância, denominada de “conceito limitado” (p. 346, tradução nossa). Assim, o desenho da forma advém da intenção de moldar os ambientes, tornando-se um veículo capaz de catalisar cada obra de arquitetura, dependente de um conceito composto por um conjunto de ideias organizadas. Para o autor, essas ideias podem ser mediadas em função das propriedades requeridas, como “[...] uma estratégia concebida para elevar as expressões de uma arquitetura ao nível do pensamento” (Ibidem, p. 346, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o conceito pode contribuir com a arquitetura, impedindo uma possível arbitrariedade da forma, ao permitir uma expressividade presente no pensamento de Steven Holl em função da pessoa, sobretudo enquanto organiza as intenções reproduzidas na concepção do projeto. Tal característica é apresentada pelo arquiteto, resultante da sua crença na experiência humana, como quando afirma que o “[...] objetivo é investigar [...] as consequências experienciais arquitetônicas” (HOLL, 2011, p. 13, tradução nossa).

Sendo assim, observa-se que a intencionalidade arquitetônica começa pelo nascimento de ideias que se transformam no conceito adotado e que, com o devido amadurecimento, se desenvolve na construção da forma na arquitetura (HOLL, 1989, 1997, 2000, 2011). Esses conceitos são conseguidos por elementos enquanto partes de um todo, podendo-se considerar características que interferem na sua ordem, incluindo as intenções projetuais do arquiteto presentes na composição do espaço arquitetônico.

Espaço arquitetônico

Mediante a identificação do lugar e a organização do conceito e da forma, observa-se um percurso teórico da fenomenologia sobre a prática da arquitetura, como modo de compreensão que reflete na construção do espaço arquitetônico. Entende-se que, com a presença do arquiteto, os ambientes são moldados a partir de uma soma de elementos que envolvem uma obra de arquitetura, podendo conduzir possíveis experiências a partir dos sentidos humanos (HOLL, 1989, 1997, 2000, 2011).

Diante de tais possibilidades, encontram-se características conjugadas entre si para que se crie uma ligação com o lugar da obra, constituindo um conjunto de fenômenos, onde esses elementos podem se unir numa relação recíproca entre a pessoa e a arquitetura. Para isso, Holl (2000) apresenta esse processo como um entrelaçamento, de maneira que o seu interesse sobre o tema está na construção de estratégias sensoriais, articuladas a partir de uma “[...] variedade de partes” (p. 119, tradução nossa).

Tal característica enfatiza a multissensorialidade da arquitetura, “[...] levantando a questão de um todo que seja mais substancial que qualquer de seus componentes” (HOLL, 2011, p. 40, tradução nossa). Trata-se de fenômenos sensoriais como partes de transmissão de um todo, sendo que o seu trabalho é relacionado com a denominação de cada fenômeno sensorial enquanto uma zona fenomênica, considerando o corpo humano envolvido no ambiente numa constante troca de estímulos pensados pelo arquiteto.

Esses elementos são traduzidos enquanto zonas fenomênicas, assumindo, por exemplo, a necessidade de “[...] considerar o espaço, a luz, a cor, a geometria, o detalhe e o material como um entrelaçamento contínuo” (HOLL, 1997, p. 12, tradução nossa). Para o autor, a arquitetura é envolvida por uma condicionante de fenômenos detectados pela mediação da intencionalidade arquitetônica, de modo que podem ser investigadas as sensações envolvidas pelas partes que definem o ambiente.

Por consequência, Holl (2000) considera que esses elementos entrelaçados envolvem o “[...] arranjo das superfícies que definem espaço [...]” (p. 26, tradução nossa), sendo ordenadas pelas partes e o todo do ambiente. A partir de referências que envolvem o universo da prática arquitetônica, o arquiteto confere a

cada obra um caráter especulativo, partindo do objetivo de cristalizar ideias geradas com a concretização gradual desses componentes para desenvolver o projeto de arquitetura.

Em suma, a intencionalidade apropriada por Steven Holl indica uma organização a partir da singularidade de cada obra em relação a uma variação de parâmetros, entendendo como a possibilidade de se comunicar por meio da construção de elementos que constituem um todo arquitetônico (HOLL, 1989, 1997, 2000, 2011). Por isso, entende-se que esse processo interfere nas intenções projetuais do arquiteto em função da experiência no ambiente, constituído por atributos mediados pela arquitetura.

5 ILUSTRANDO NA PRÁTICA

Considerando o ponto de partida teórico-metodológico apresentado, expande-se a abordagem adentrando-se na arquitetura de Steven Holl. A exposição de exemplos ilustrados da obra projetual e construída do arquiteto possibilita compreender uma intencionalidade na mediação entre fenomenologia e arquitetura. Afinal, questiona-se: como se materializa a prática arquitetônica?

Nesse âmbito, a fundação do seu ateliê demonstra ancorar discussões propostas da teoria para a prática arquitetônica. Para representar, descreveu-se cronologicamente uma obra de cada década (1970-1980-1990-2000-2010), visando ilustrar como essas relações são apropriadas arquitetonicamente (Figura 1-10). O estudo demandou levantamento, tradução, assim como a interpretação de informações disponíveis sobre Steven Holl, cuja produção é majoritariamente estrangeira. Essa análise foi feita a partir de publicações que se encontram divulgadas, observando-se a dispersão geográfica e tipológica de sua atuação.

Década 1970 - Manchester House:

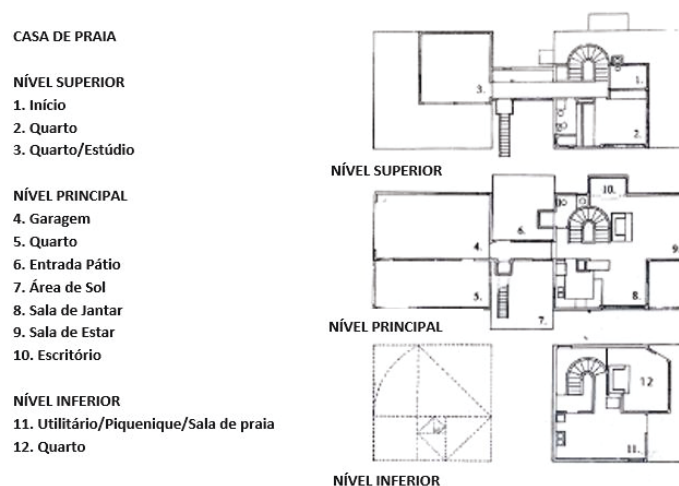
Programa: Residência Privada. Local: Manchester. Ano: 1976.

Figura 1: Visão geral da proposta arquitetônica de Manchester House.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Figura 2: Diagrama da proposta arquitetônica de Manchester House.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Descrição: Manchester House, primeira edificação projetada por Steven Holl, sendo restaurada em 2022. O conceito baseia-se em uma concha de ostra com exterior de cedro manchado de cinza e interior branco liso. A casa tem dois quadrados em planta com dois pátios quadrados, com proporções regidas pela seção áurea (STEVEN HOLL ARCHITECTS, 2020).

Década 1980 - Edifício Híbrido:

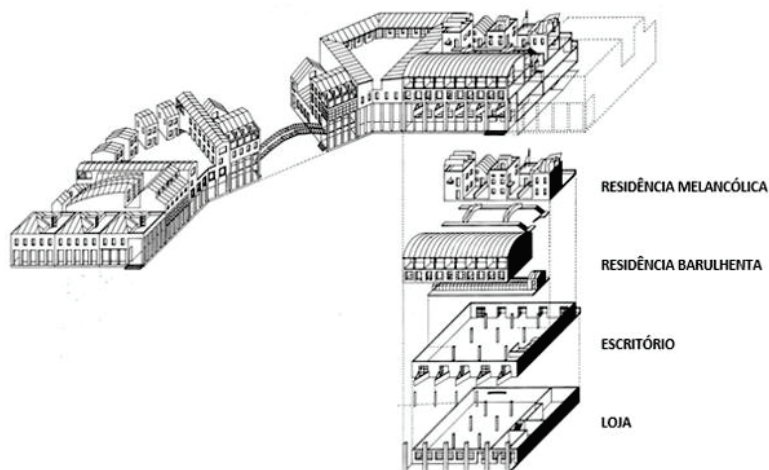
Programa: Suítes de hotel, lojas e escritórios. Local: Seaside, FL, Estados Unidos. Ano: 1988.

Figura 3: Visão geral da proposta arquitetônica do Edifício Híbrido.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Figura 4: Diagrama da proposta arquitetônica do Edifício Híbrido.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Descrição: Edifício Híbrido constitui uma intervenção em acordo com regulamento vigente, formando uma arcada pública contínua ao redor de espaço público da cidade. A proposta articula a configuração de ambientes multiuso de varejo, escritórios e residências. Nos níveis superiores se divide em tipos leste e oeste. No sentido leste (de frente para o sol nascente), estão quartos para os tipos melancólicos que tendem ao silêncio, caracterizando planos de apartamentos com janelas estreitas e altas que fornecem luz fraca, espaço fluido e luz alta, bem como escadas e vigas empenadas criando superfícies curvas. No sentido oeste (para o sol poente e para a praça), há quartos para tipos barulhentos e madrugadores que gostam de ação, sendo que possuem banheiros e espaço para festas. A estrutura é composta por pilares, vigas de concreto pré-moldado e placas alveolares. Paredes são acabadas em estuque sobre blocos de concreto. Telhados são feitos de metal galvanizado (STEVEN HOLL ARCHITECTS, 2020).

Década 1990 - Capela St. Ignatius:

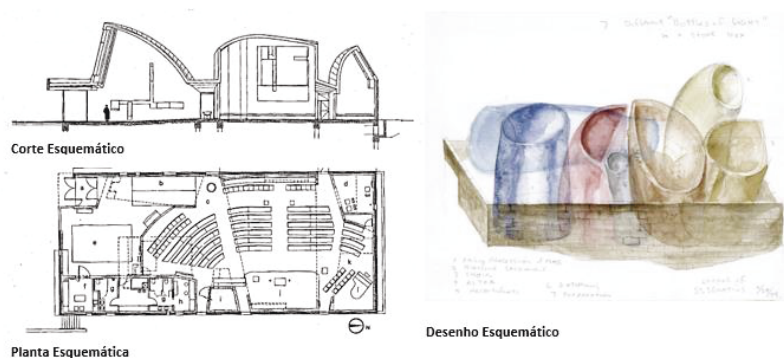
Programa: Capela jesuíta para a Universidade de Seattle. Local: Seattle, WA. Estados Unidos. Ano: 1997.

Figura 5 Visão geral da proposta arquitetônica da Capela St. Ignatius.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Figura 6: Diagrama da proposta arquitetônica da Capela St. Ignatius.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Descrição: Capela jesuíta de St. Ignatius, projetada para a Universidade de Seattle, utiliza da ideia de luz moldada em diferentes volumes que emergem da cobertura. Implantam-se aberturas de tamanhos e orientações distintas, incluindo vidros coloridos. O arquiteto desenvolve diferentes qualidades de luz para distinguir os usos dos ambientes, bem como demonstrar o dinamismo da relação espaço e tempo. Seguindo essa premissa, o volume da capela consiste em um paralelepípedo retangular em que emergem sete volumes irregulares e curvos de luz. São irregularidades geométricas que visam diferentes qualidades de luz: face leste, face sul, face poente e face norte, reunidas para uma cerimônia concentrada. Cada um dos volumes leves corresponde a uma parte do programa de culto católico jesuíta. O principal espaço de culto tem um volume de luz leste e oeste. Existe o farol norte, que se encontrado voltado para a cidade e corresponde à Capela do Santíssimo Sacramento e à missão de sensibilização da comunidade. Luz voltada para o sul corresponde à procissão, parte da missa. À noite, que é o momento particular dos encontros para a reunião de pessoas na capela universitária, os volumes de luz são como faróis que brilham em direções do campus. Configura-se a existência de iluminação natural nos espaços, bem como um espelho d'água (STEVEN HOLL ARCHITECTS, 2020).

Década 2000 - Arranha-Céu Horizontal Vanke Center:

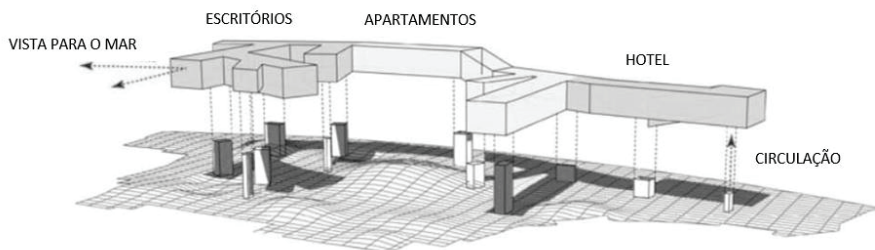
Programa: edifício de uso misto. Local: Shenzhen, China. Ano: 2008.

Figura 7: Visão geral da proposta arquitetônica de Vanke Center.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Figura 8: Diagrama da proposta arquitetônica de Vanke Center.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Descrição: Arranha-Céu Horizontal Vanke Center une escritórios, apartamentos e hotel. Sob a paisagem, estão localizados centro de conferências, spa e estacionamento. Pairando sobre um jardim, cria-se uma sensação do edifício estar flutuando, deixando a estrutura apoiada em oito pontos de sustentação. Existem vistas para o mar e área verde aberto ao público no térreo. A parte inferior da estrutura torna-se sua elevação principal em que cubos de vidro rebaixados oferecem vistas de 360 graus para a paisagem abaixo. Cobrindo todo o comprimento do edifício, um caminho público foi proposto conectando o hotel e as zonas de apartamentos até as alas de escritórios. Também se considera a parte inferior com a estrutura flutuando acima. O edifício com perfil horizontal flutuando possibilita que brisas marítimas e terrestres passem pelos jardins abertos, existindo plantas tropicais com características de cor e cheiro. Possui restaurantes e cafés em montes vegetados com passarelas e piscinas. A construção e a paisagem integram desenvolvem um microclima em área livre (STEVEN HOLL ARCHITECTS, 2020).

Década 2010 - Escola De Arte Glasgow:

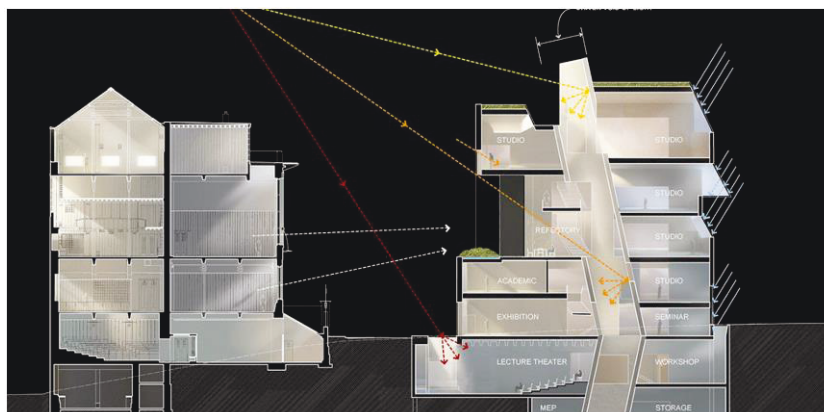
Programa: escola de arte, design e arquitetura. Local: Glasgow, Reino Unido. Ano: 2014.

Figura 9: Visão geral da proposta arquitetônica da Escola de Arte Glasgow.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Figura 10: Diagrama da proposta arquitetônica da Escola de Arte Glasgow.



Fonte: Steven Holl Architects¹. Edição nossa.

Descrição: A Escola de Arte Glasgow está em contraste com edifícios existentes no entorno. Uma fina materialidade translúcida em contraste com a alvenaria das edificações existentes cria volume de luz que expressa o destaque para a atividade da escola no tecido urbano. Existe uma manipulação da edificação pela criação de fragmentação nos volumes para obter luzes. Os espaços foram localizados para refletir relações interdependentes, bem como diferentes necessidades de luz. Estúdios estão posicionados na fachada norte com vidros inclinados voltados para o norte para maximizar o acesso à desejável luz difusa do norte de qualidade. Ambientes que inexistem a mesma qualidade de luz natural, como o refeitório e os escritórios, situam-se na fachada Sul onde o acesso à luz solar pode ser equilibrado com as necessidades dos ocupantes e o desempenho térmico do espaço através da aplicação de sombreamento. Com isso, encontram-se vazios com luzes dirigidas, permitindo uma integração entre forma, espaço e luz. Isso permite acesso à luz natural pela profundidade do edifício, proporcionando conectividade direta com a área externa em que se observa mudança de intensidade e cor do céu. Inclui-se tal estratégia na circulação vertical pela edificação. Existe um circuito aberto escalonado que conecta ambientes para encontros informais e exposições. Por fim, ao longo do alçado Sul, à mesma altura do gabarito do bairro, encontra-se uma área com tratamento paisagístico que confere à escola um núcleo social exterior aberto à cidade (STEVEN HOLL ARCHITECTS, 2020).

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As publicações de Steven Holl caracterizam-se por serem de um profissional que reflete sobre a arquitetura e outras áreas do conhecimento. Tais características estão evidenciadas em seus escritos, bem como ilustrados em seus projetos e obras. Essa questão tem a ver com a possibilidade de a arquitetura se comunicar, observando uma dimensão comunicativa.

Nesse âmbito, embora filósofos tenham estudado a fenomenologia enquanto base do conhecimento, suas concepções de uma relação entre o ser humano e o mundo permite estabelecer um diálogo com a arquitetura. No trabalho de Steven Holl, especificamente, torna-se possível reconhecer historicamente uma relação entre a fenomenologia e a arquitetura em suas publicações, sobretudo nas últimas décadas.

Por um lado, a importância atribuída ao conceito como condensador do significado da obra de arquitetura parece entrar em contradição com a fenomenologia, que se encontra associada ao pensamento de que a experiência depende, além do espaço arquitetônico imaginado pelo arquiteto, também da pessoa que o experimenta na totalidade de sua vivência. Por outro, cabe ressaltar que Steven Holl é um arquiteto e utiliza da fenomenologia como uma base de conhecimento para inspiração. A fenomenologia auxilia na construção de uma ideia estruturadora para atribuição de significado. Relaciona-se com aquilo que motivou o arquiteto na concepção arquitetônica, tornando-se uma possibilidade de transcender além de aspectos físicos, aspectos sensoriais.

A premissa de Steven Holl pode ser entendida pelo estudo de fenômenos na esfera arquitetônica, tornando-se característica pertinente da sua abordagem. Enquanto a fenomenologia aborda reflexões sobre fenômenos da relação humana com o mundo, Steven Holl procura relacionar articulações entre o significado da obra e os fenômenos dos elementos arquitetônicos em contato com a pessoa.

Isso pressupõe que a arquitetura possui uma dimensão comunicativa em que o arquiteto pode projetar conceitualmente uma obra de arquitetura e se comunicar com quem a vivenciará a partir dos seus meios de expressão representados por elementos compositivos arquitetônicos, que são fenômenos: geometrias, materiais, luzes, cores, vistas, cheiros, sons, etc.

Em suma, observa-se que determinados aspectos abordados pela fenomenologia podem ter valor operativo no contexto arquitetônico, visto que se tornam úteis para entender relações do arquiteto com o projeto de arquitetura. A identificação do lugar, conceito e forma, e o espaço arquitetônico tornam-se componentes do processo de projeto que estruturam os fenômenos arquitetônicos, atribuindo valor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, notou-se que a fenomenologia e seu desdobramento na arquitetura destacam o tratamento da obra como uma reflexão presente na construção do espaço arquitetônico. Essa abordagem considera os estudos de base fenomenológica da arquitetura, entendendo que a respectiva área se depara com a questão da experiência humana, visto que um determinado ambiente pode envolver uma mediação de relações entre elementos arquitetônicos e pessoas.

O desenvolvimento do trabalho de Steven Holl envolve transportar um conceito, sendo que, embora existam aspectos que caracterizem experiências individuais sobre o espaço habitado, a arquitetura, antes de ser vivenciada, perpassa por intenções projetuais do arquiteto. Trata-se da configuração de uma mediação que, apesar de ser transformada pela arquitetura, pode se comportar como uma estrutura intencional, que se volta para uma realidade existente no lugar.

Essa discussão estabelece uma sobreposição de objetivos investigativos na relação entre fenomenologia e arquitetura, apresentando a responsabilidade do arquiteto sobre quem a vivencia. Apresenta uma síntese de atributos, observando-se uma relação com as intenções projetuais do arquiteto ao tratar de um processo presente em estruturas formais, no sentido de um conjunto dependente de elementos da arquitetura, sobretudo pelas relações entre as partes e o todo que envolve determinado ambiente.

Portanto, a partir do referencial bibliográfico sobre o trabalho do arquiteto, destacou-se pertinência do processo de investigação, pois permitiu estudar, registrar, analisar e interpretar a complexidade presente na composição arquitetônica e sua relação com identificação do lugar, conceito e forma, e espaço arquitetônico. Além de meios de representação, essas proposições assumem papel importante, como via para investigar aspectos que constituem o propósito do arquiteto sobre a experiência na relação entre pessoa e ambiente.

8 AGRADECIMENTOS

O artigo compõe parte do resultado da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC), bem como do doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), assim como do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR). Por isso, gostaria de agradecer ao suporte material e imaterial necessário para que o presente trabalho se concluísse.

9 REFERÊNCIAS

- BOLLNOW, O. F. (1951). *O Homem e o Espaço*. 9ª Ed. Curitiba: UFPR, 2008.
- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HEIDEGGER, M. (1927). *Ser e tempo: parte 1*. 15ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, M. (1951). *Construir, habitar, pensar*. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HOLL, S. *Anchoring*. New York: Princeton Architectural Press, 1989.
- HOLL, S. *Entrelazamientos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
- HOLL, S. *Parallax*. New York: Princeton Architectural Press, 2000.
- HOLL, S. *Cuestiones de percepción: fenomenología de la arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.
- HUSSERL, E. (1907). *A ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. *Metodologia científica*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945). *Fenomenologia da percepção*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Intentions in Architecture*. Cambridge: MIT Press, 1963.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume, 1975.
- NORBERG-SCHULZ, C. *Genius Loci: towards a phenomenology of Architecture*. New York, Rizzoli, 1979.
- STEVEN HOLL ARCHITECTS. *Steven Holl Architects*. Disponível em: <http://www.stevenholl.com/>. Acesso em 02/janeiro/2020.

10 NOTAS

¹ Disponível em www.stevenholl.com, acesso em 02 de janeiro de 2020.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.